

Tucanos decidem hoje entre Lula e o muro

"A Frente Brasil Popular vai ter que decidir se quer apenas marcar uma posição que fortaleça os partidos que a compõem ou se está mesmo disposta a ganhar a eleição." Essa opinião, expressa pelo deputado Nilton Friedrich (PSDB-PR), resume a principal preocupação dos tucanos, horas antes de sua executiva nacional se reunir para apreciar as primeiras propostas com vistas ao segundo turno da eleição presidencial.

Uma coisa é certa: os tucanos rejeitam frontalmente qualquer aliança com a "opção conservadora", ou seja, a candidatura Fernando Collor de Mello (PRN). Mas também estão na dúvida em apoiar explicitamente o candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, porque temem — como disse um influente dirigente do PSDB — "entrar numa canoa furada". Friedrich entende que não se trata de aderir pura e simplesmente à candidatura de Lula. "É preciso que a coisa seja feita com um mínimo de seriedade, e as conversações sejam precedidas pela elaboração de uma pauta de negociações envolvendo uma proposta de coalizão com um programa mínimo, uma "pauta do povo", para evitar a submissão do partido aos 13 pontos da Frente Brasil Popular.

As bases do partido já começam a se manifestar. Os diretórios regionais da Paraíba e da Bahia, que se reuniram ontem,

já definiram por unanimidade as suas posições. Rejeitam com veemência qualquer entendimento com Collor e acham que, até por uma questão de coerência, o PSDB deve apoiar a candidatura Lula. A mesma postura chegou ontem ao gabinete do líder tucano no Senado, senador Fernando Henrique Cardoso, proveniente do "Comitê Bico Vermelho", do Paraná.

Em manifesto redigido ontem, e que será apresentado hoje durante a reunião da Executiva, a militância aglutinada no "Bico Vermelho" paranaense criado no primeiro turno para apoiar Mário Covas diz que "o momento histórico não comporta omissão, ambição nem ambigüidade". E que "se a omissão será fatal para o partido, a opção conservadora também". Por isso pede que o PSDB explicito o quanto antes o apoio a Lula.

O deputado Jaime Santana (PSDB-MA) e o secretário de Governo do Ceará, Sérgio Machado, representante do governador Tasso Jereissati, estiveram reunidos por várias horas com o senador Fernando Henrique Cardoso. Eles entendem que, além das opções por Collor ou Lula, ainda há uma terceira posição, que chamam de "autonomia crítica", que poderia se dar de duas formas: ou pela recomendação aos filiados e simpatizantes para que votem no candidato progressista

(sem citar nomes) ou então pela simples liberação da militância e parlamentares para composições regionais ou locais, de acordo com as conveniências. E essa atitude se justificaria pela alegação de que nenhum dos dois candidatos tem programa que se compatibilize com o Projeto Brasil do PSDB.

Na cúpula tucana esta última talvez seja a tese que detém maior número de adesões. Principalmente porque favoreceria alguns planos setoriais do partido, com vistas às eleições para os governos de Estados, em 1990. É o caso de São Paulo, onde Mário Covas, fortalecido pela campanha deste ano, torna-se o candidato natural do partido à sucessão do governador Orestes Quércia (PMDB) ou do Paraná, onde o senador José Richa pode pleitear concorrer à sucessão do também peemedebista Álvaro Dias.

Entretanto, com a prudência que o caracteriza, o senador Fernando Henrique Cardoso observa que essa última opção precisa ser muito bem esclarecida ao eleitorado e às bases do partido, porque, não entendida como deve, tornar-se-á um "pau de dois bicos" para o futuro do PSDB, que saiu fortalecido do primeiro turno das eleições presidenciais.

**João Sampaio,
enviado especial/AE**